

A SEMANA – 84¹

John Gledson

No primeiro dia de 1894, a *Gazeta de Notícias* voltou a circular depois de ser banida durante o mês de dezembro de 1893, por ter desafiado a censura do regime florianista durante a Revolta da Armada. O primeiro número trazia a crônica de Machado na primeira página, como sempre, apesar de ser segunda-feira. É fácil imaginar a posição exposta em que estava – tanto, se não mais, que no começo da própria série. O resultado é que esta crônica é uma obra-prima de evasão. Isto fica tão óbvio, de fato, que permite, ou até força o leitor a sentir a pressão dos próprios eventos (a guerra na baía) que o cronista “ignora”. As crônicas só tratam de “Coisas doces, leves...” – o que não o impede de se referir ao Terror de 1793 no primeiro parágrafo, à violência anarquista (havia uma onda de atentados na Europa) e mais adiante à guerra. É uma dança engenhosa: por isso apela para a musa da dança no final.

Machado utiliza dois caminhos para escapar à pressão. Ambos estão presentes já nas primeiras palavras, e ambos o levam de volta ao assunto que “evita”. Primeiro, junta o presente e o passado, 1893 e 1793, os anos do Terror e da guerra civil no Brasil, e assim alarga o campo da crônica para abarcar todo o século XIX, que vê numa perspectiva bastante cética (“Vir do legitimismo ao anarquismo, *parando aqui e ali na liberdade...*”).

Segundo, ao citar um célebre poema francês sobre o Terror, sobe para o reino da poesia – “Já agora falo por poetas” (Barbier, Chénier, Hugo, Camões e Heine) – afirmando que esses poetas podem erguer-se acima dos eventos imediatos para ver o século inteiro. Os poetas não são otimistas, como os “homens da ciência” com as suas “razões sólidas que afirmam a marcha ascendente para a perfeição” – essa crença tão difundida na inevitabilidade do progresso, que Machado questionava.

No penúltimo parágrafo, ao citar Xenofonte, que paradoxalmente afirma que os homens são difíceis de reger, mas fáceis de conduzir, Machado parece terminar numa nota tão contraditória, que quase parece *nonsense*: “[o anarquismo] embora péssimo, era

¹ A numeração das crônicas dá continuidade à numeração delas em: ASSIS, Machado de. *A semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996. (Literatura Brasileira, 2).

um governo ótimo”. Uma evasão final? Talvez, mas não deixa de ser interessante que cite esta passagem de novo em *Esau e Jacó*, de 1904 – de fato, aqui estão algumas das raízes do personagem Conselheiro Aires. Essa *dualidade* faz parte do pensamento machadiano. Esta crônica, de fato, está cheia de parelhas – dois poetas franceses com conexões com a Revolução, quatro velhos (dois europeus, dois brasileiros; dois militares, dois políticos), dois poetas nascidos no começo do século; até os representantes do absolutismo e da anarquia são ambos “x” (Carlos X e Nada – o “X” seria a “incógnita” da matemática, como no capítulo II de *Memórias póstumas de Brás Cubas* – “Decifra-me ou devoro-te”).

No fim, na adaptação do famoso verso de Camões, que introduz a história de Portugal, Machado troca a poesia épica (Calíope) pela dança (Terpsícore). A mil léguas da história grandiloquente, o cronista desta “história” tem de ser dançarino experiente para cumprir devidamente seu papel.

Esta crônica consta de *A Semana*, de Mário de Alencar, p. 105-108.



A SEMANA

1º de janeiro de 1894²

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

*Sombre quatre-vingt-treize!*³ É o caso de dizer, com o poeta, agora que ele se despede de nós, este ano em que perfez um século o ano terrível da Revolução. Mas a crônica não gosta de lembranças tristes, por mais heroicas que também sejam; não vai para epopeias, nem tragédias. Coisas doces, leves, sem sangue nem lágrimas.

No banquete da vida, para falar como outro poeta...⁴ Já agora falo por poetas; está provado que, apesar de fantásticos e sonhadores, são ainda os mais hábeis contadores de histórias e inventores de imagens. A vida, por exemplo, comparada a um banquete é ideia felicíssima. Cada um de nós tem ali o seu lugar; uns retiram-se logo depois da sopa, outros antes do *coup du milieu*,⁵ não raros vão até à sobremesa. Tem havido casos em que o conviva se deixa estar comido, bebido, e sentado. É o que os noticiários chamam *macróbio*, – e, quando a pessoa é mulher, por uma dessas liberdades que toda gente usa com a língua, *macróbia*.

Felizes esses! Não que o banquete seja sempre uma delícia. Há sopas execráveis, peixes podres e não poucas vezes esturro. Mas, uma vez que a gente se deixou vir para a mesa, melhor é ir farto dela, para não levar saudades. Não se sente a marcha; vai-se

² O número da *Gazeta de Notícias* em que se publicou esta crônica falta no acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Em razão disso, utilizou-se, na presente edição, o texto estabelecido por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para W. M. Jackson.

³ Citação do poema “Quatre-vingt-treize”, de Auguste Barbier (1805-1882), do livro *Iambes*, de 1830, sobre o ano do Terror durante a Revolução Francesa: “Sombre quatre-vingt-treize, épouvantable année / De lauriers et de sang grande ombre couronnée / Du fond des temps passés ne te relève pas!” (“Sombrio noventa e três, ano terrível / Grande sombra coroada de louros e sangue / Não ressurgas do fundo dos tempos passados!”). Também é bom lembrar que o último romance de Victor Hugo se chama justamente *Quatre-vingt-treize*. Foi publicado em 1874, poucos anos após a Comuna, e sua ação se passa durante o Terror.

⁴ Certamente Machado pensa no poema “La jeune captive”, de André Chénier (1762-1794), morto no Terror. Este célebre poema é dedicado a uma companheira de prisão: “Au banquet de la vie à peine commencé / Un instant mes lèvres ont pressé / La coupe en mes mains encore pleine” (“No banquete da vida apenas começado, / Só um instante meus lábios tocaram / A taça ainda cheia nas minhas mãos”). Machado o traduziu, e deu a esses versos a seguinte feição: “No festim em começo da existência / Um só instante os lábios meus tocaram / A taça em minhas mãos ainda cheia.” (*Crisálidas*, 1864, p. 44).

⁵ *coup du milieu*: uma bebida, às vezes acompanhada de brindes, que se tomava no meio de um banquete.

pelos pés dos outros. Houve desses retardatários, Moltke esteve prestes a sê-lo, Gladstone creio que acaba por aí, como os nossos Saldanha Marinho e Tamandaré.⁶ Deus os fade a todos!

Imaginemos um homem que haja nascido com o século e morra com ele. Victor Hugo já o achou com dois anos (*ce siècle avait deux ans*);⁷ e pode ser que contasse viver até o fim; não passou da casa dos oitenta. Mas Heine, que veio ao mundo no próprio dia 1 de janeiro de 1800,⁸ bem podia ter vivido até 1899, e contar tudo o que se passou no século, com a sua pena mestra de *humour*... Oh! página imortal! Assistir à santa-aliança e à dinamite! Vir do legitimismo ao anarquismo, parando aqui e ali na liberdade, eis aí uma viagem interessante de dizer e de ouvir.⁹ Revoluções, guerras, conquistas, uma infinidade de constituições, grande variedade de calças, casacas e chapéus, escolas novas, novas descobertas, ideias, palavras, danças, livros, armas, carruagens, e até línguas...¹⁰ Viver tudo isso, e referi-lo ao século XX, grande obra, em verdade.

Deus ou a paralisia não o quis. Heine notaria, melhor que ninguém, o advento do anarquismo, se é certo que este governo inédito tem de sair à luz com o fim do século. Ninguém melhor que ele faria o paralelo do legitimismo do princípio com o anarquismo do fim, Carlos X e Nada. Que excelentes conclusões! Nem todas seriam cabais, mas seriam todas belas. Aos homens da ciência ficam as razões sólidas com que afirmam a marcha ascendente para a perfeição. Os poetas variam; ora creem no paraíso, ora no

⁶ Os quatro velhos (um deles já morto): Helmuth, conde von Moltke, marechal alemão (1800-1891) que transformou o exército do seu país, e aposentou-se em 1888; W. E. Gladstone (1809-1898), político liberal inglês, nesse momento primeiro ministro pela última vez; Joaquim Saldanha Marinho (1816-1895), republicano histórico e senador na república, com quem Machado trabalhou na *Diário do Rio de Janeiro*, em 1860, e cuja integridade admirava (ver crônica de 2 de junho de 1895); Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré (1807-1897), a figura mais destacada da Marinha brasileira do século XIX, com grande atuação na Guerra do Paraguai.

⁷ Título e primeiras palavras do poema “*Ce siècle avait deux ans*”, de *Les feuilles d’automne* (1831), de Victor Hugo (1802-1885), em que narra seu nascimento, num momento de mudança política, da república para o império napoleônico.

⁸ Heinrich Heine, poeta e prosador alemão, admirado e citado por Machado, não nasceu no primeiro dia do século, como diz em seus escritos autobiográficos, mas em 1797. Morreu em 1856, após ter sofrido oito anos de paralisia. Heine por vezes mistifica sua data de nascimento: é bem possível que Machado se refira ao famoso ensaio “Os banhos de Lucca”, onde diz que nasceu “em véspera de ano bom de 1800”.

⁹ O legitimismo: a reivindicação da volta da família Bourbon na França, que aconteceu em 1815 com a queda de Napoleão. Charles X, último rei Bourbon da França, reinou de 1824 a 1830, quando foi deposto na Revolução de Julho. A Santa Aliança juntou os principais regimes absolutistas do período pós-napoleônico. Na década de 1890, os anarquistas protagonizaram uma série de assassinatos de políticos e monarcas. A dinamite fora inventada em 1866 pelo químico sueco Alfred Nobel. Havia pouco tempo, no dia 9 de dezembro de 1893, o anarquista Auguste Vaillant lançara uma bomba em plena sessão da câmara francesa, sem matar ninguém. Foi condenado à morte. Os jornais traziam muitas notícias de grupos anarquistas em vários países.

¹⁰ Data de poucos anos antes dessa crônica a invenção de línguas artificiais famosas, como o volapuke, criado em 1879 pelo padre alemão Johann Martin Schleyer, que teve seu apogeu em 1889, e o esperanto, criado em 1887 por um médico russo, o dr. L. L. Zamenhof, que suplantou o volapuke, obtendo adesões muito mais numerosas. Machado menciona o volapuke na crônica de “Bons Dias!” de 6 de junho de 1888.

inferno, com esta particularidade que adotam o pior para expô-lo em versos bonitos.¹¹ Heine tinha a vantagem de o saber expor em bonita prosa.

Mas, como ia dizendo, no banquete da vida... Leve-me o diabo se sei a que é que vinha este banquete. Talvez para notar que a distribuição dos lugares põe a gente, às vezes, ao pé de maus vizinhos, em cujo caso não há mais poderoso remédio que descansar do paradoxo da esquerda na banalidade da direita, e vice-versa. Se a ideia não foi essa, então foi dizer que a crônica é prato de pouca ou nenhuma resistência, simples molho branco. Ideia velha, mas antes velha que nada. Uns fazem a história pela ação pessoal e coletiva, outros a contam ou cantam pela tuba canora e belicosa... Tuba canora e belicosa é expressão de poeta – de Camões, creio. A crônica é a fruta ruda ou agreste avena do mesmo poeta.¹² Vivam os poetas! Não me acode outra gente para coroar este ano que nasce.

Quanto ao que morre, 1893, não vai sem pragas nem saudades, como os demais anos seus irmãos, desde que há astronomia e almanaques. Tal é a condição dos tempos, que são todos duros e amenos, segundo a condição e o lugar. Se esta banalidade da direita lhe parece cansativa, volte-se o leitor para a esquerda, e ouvirá algum paradoxo que o descanse dela, – este, por exemplo, que o melhor dos anos é o pior de todos. Toda a questão (lhe dirá a esquerda) está em definir o que seja bom ou mau.

Por exemplo, a guerra é má, em si mesma; mas a guerra pode ser boa, comparada com o anarquismo. Se este vier, 1893, tu haverás sido uma das suas datas históricas, pelos golpes que deste, pelo princípio de sistematização do mal. Que será o mundo contigo? Não consultemos Xenofonte, que, ao ver as trocas de governo nas repúblicas, monarquias e oligarquias, concluía que o homem era o animal mais difícil de reger, mas, ao mesmo tempo, mirando o seu herói e a numerosa gente que lhe obedecia, concluía que o animal de mais fácil governo era o homem.¹³ Se já por essa noite dos tempos fosse conhecido o anarquismo, é provável que a opinião do historiador fosse esta: que, embora péssimo, era um governo ótimo. A variedade dos pareceres, a sua própria contradição, tem a vantagem de chamar leitores, visto que a maior parte deles só lê os livros da sua opinião. É assim que eu explico a universalidade de Xenofonte.

Não me atribuam desrespeito ao escritor; isto é rir, para não fazer outra coisa que deixe de aliviar o baço.¹⁴ Em todo caso, antes gracejar de um homem finado há

¹¹ Certamente Machado pensa no “Inferno” de Dante, e talvez no *Paraíso perdido* de Milton: deste último disse William Blake (1757-1827) que “era um Poeta verdadeiro e, sem sabê-lo, do partido do Diabo”.

¹² “Dai-me uma fúria grande e sonora / E não de agreste avena ou fruta ruda / Mas de tuba canora e belicosa...” *Os Lusíadas*, I, 5.

¹³ O trecho mencionado é a abertura da *Ciropédia* de Xenofonte (c. 430-c. 356 a.C.). Machado o cita no cap. LXI de *Esau e Jacó*: “Considerava eu um dia quantas repúblicas têm sido derribadas por cidadãos que desejam outra espécie de governo, e quantas monarquias e oligarquias são destruídas pela sublevação dos povos; e de quantos sobem ao poder uns são depressa derribados, outros, se duram, são admirados por hábeis e felizes...”

¹⁴ O baço, na teoria humoral da Antiguidade, está associado à bÍlis negra e à melancolia.

tantos séculos, que estrear já o carnaval com este imenso calor, como fez ontem uma associação.¹⁵ Agora tu, Terpsícore, me ensina...¹⁶



¹⁵ Para o calor deste “verão do diabo”, ver a crônica seguinte. Não sei a que associação se refere o cronista aqui.

¹⁶ Adaptação do primeiro verso do canto terceiro de *Os Lusíadas*: “Agora tu, Calíope, me ensina / o que contou ao Rei o ilustre Gama”; Calíope é a musa da poesia épica: Terpsícore da dança.